



VARANASI

A CIDADE DA LUZ

por Matt Glass

Já passaram mais de vinte e quatro horas desde que deixei os caminhos dos Himalaias para descer até às planícies do rio Ganges. Deitado no meu beliche, no topo do comboio, com o suor a rolar-me pela face, estava em oração, preparando-me a mim mesmo para o meu destino. Estava a viajar para Varanasi, em Uttar Pradesh, para ver o que Deus estava a fazer no meio das trevas. No Novo Testamento vemos que, nas suas viagens missionárias, o apóstolo Paulo não era ingênuo acerca das trevas espirituais dos lugares para onde estava a levar o Evangelho. Em vez de ignorar os ídolos que cativavam os corações dos seus ouvintes, Paulo observou (Atos 17:16) os meios satânicos através dos quais os homens eram feitos cegos e mantidos sem “ver a luz do evangelho da glória de Cristo” (II Coríntios 4:4).

Para os seguidores de Jesus, a idolatria descarada é uma das coisas mais horríveis que se pode ver. Não admira que, em Atenas, diz que o espírito de Paulo “se comovia em si mesmo.” Como aqueles nos dias de Daniel, quando foi confrontado com a idolatria, ele permaneceu firme e não ficou parado. Abriu a sua boca e proclamou as Boas Novas de um Messias crucificado e ressurreto. Também nos nossos dias não há lugar para ignorarmos as realidades inspiradas por demónios, que exercem influência sobre o mundo e que são tão claramente visíveis em lugares como Varanasi. Descobri na minha própria vida que, quando confrontado com estas realidades, como Paulo, o meu espírito se comoveu em mim e o Espírito Santo colocou um peso no meu coração. Este peso levou-me à ação e despertou o meu desejo de ver Jesus Cristo ser adorado nos corações de todas as pessoas.

A IDOLATRIA DE VARANASI

Cheguei a Varanasi no final da noite, depois de uma viagem de vinte e sete horas de comboio. Ao descer do comboio fui cumprimentado por dois jovens que ajudam num orfanato, localizado na propriedade da Igreja de Banaras. A cidade era chamada Banaras pelos mongóis que já governaram o Norte da Índia. Eles eram os invasores muçulmanos, cujos poderosos exércitos varreram a Ásia Central, pelo vale do rio Indo até ao Norte da Índia. Nos tempos antigos, os hindus referiam-se à cidade como Kashi, que significa “cidade de luz”, assim chamada porque os sacerdotes brâmanes se juntavam ali para oferecer *pujas* (ofertas) e procurar limparem-se do pecado. Mark Twain escreveu uma vez que “Banaras é mais antiga do que a história, mais antiga do que a tradição, até mesmo mais antiga do que a lenda, e parece duas vezes mais antiga do que todas estas coisas juntas.” É a cidade mais antiga do mundo, que esteve continuamente habitada (já existia quando Nabucodonosor reinava na Babilónia), e os hindus consideram o lugar mais sagrado na terra. Acreditam nisto porque todo o curso do rio Ganges corre de norte para sul, mas há uma porção onde o rio se curva e flui para norte, antes de voltar a virar para sul. É aí que está Varanasi.

Como centro do hinduísmo, também é o centro da cultura indiana. Muitos poetas hindus encontraram a sua inspiração aqui, nas margens do Ganges e nas ruas apinhadas de Varanasi. Na cidade velha, os *sadhus* (místicos homens “santos”), revestidos de açafrão, meditam nas ruas, tentando de forma vã buscar paz através da introspeção. Alguns andam até nus, como ato de penitência, pensando que a grande vergonha expiará o seu pecado.



Ao longo de toda a margem do rio há *ghats* (degraus que levam até ao rio), onde as pessoas vêm e se banham, orando: “Oh santa mãe Ganges! Oh Yamuna! Oh Godavari! Saraswati! Oh Narmada! Sindu! Kaveri! Que se agradem em ser manifestos nestas águas, com as quais me purifico!” Isto, creem eles também, leva o seu pecado e mais de 40 000 almas vêm todos os dias fazer este ritual nas águas imundas do rio. Depois de se banharem, muitos homens rapam a cabeça deixando um pequeno pedaço de cabelo no topo da cabeça. Fazem isso crendo que, se morrerem, um deus hindu agarrá-lo-á por esse pedaço de cabelo e levá-lo-á para a luz.

Um dia, durante a minha visita, fui às margens do Ganges com dois obreiros cristãos. Vimos corpos mortos a serem queimados em tochas fúnebres, ao longo do rio. Para os hindus, quando isto é feito em Varanasi, garante que se escapa do ciclo da reencarnação e se começa a luz. Então, as tochas ardem a todas as horas do dia para acompanhar os mortos. Para ajudar ao bem-estar espiritual dos seus maridos mortos, muitas viúvas são deixadas para vagar e pedir nas ruas da cidade, gastando o resto dos seus dias a “devotarem-se aos deuses.” Elas juntam-se em *ashrams* (eremitérios) a cair aos pedaços, cantando sem parar: “Hare Krishna, Hare Rama, Hare Krishna, Hare Rama...” Porque é que fazem isto? Porque acreditam que, como consta dos escritos hindus, ao repetir os nomes das divindades reverenciadas tornam-se santas e acabam por ser guiadas até ao *moksha* – a luz.

Aqui em Varanasi vejo profundos exemplos da tolice da religião feita por homens e inspirada por demónios. Os templos hindus estão por todo o lado e a cidade talvez esteja mais habitada por ídolos do que por pessoas. Alguns destes ídolos são feitos de madeira e pedra, outros são criaturas vivas. Andando pelas estreitas passagens de um mercado, cruzei-me no caminho com um menino

que tinha sido pintado e vestido para representar Krishna, uma das caprichosas mutações de Vishnu. Este menino, tal como as vacas brâmanes e outras criaturas, é adorado e venerado pelas pessoas que vivem na escuridão. Com corações em trevas, preferem manter rituais e tradições tolas do que beber da verdadeira fonte de vida.



A derradeira conclusão da depravação do homem é visível em todo o lado, infiltrando-se pelos poros da sociedade. Dei-me conta disto vez após vez; uma vez entrámos numa bonita joalheria e estava uma enorme vaca brâmane sentada no meio do chão! Nunca tinha sido tão claro para mim que o homem caído “mudou a verdade de Deus em mentira e honrou e serviu mais a criatura do que o Criador” (ver Romanos 1:25). As palavras de Hudson Taylor, escritas numa das primeiras viagens evangélicas à China depois de visitar um mosteiro Budista, podiam ser perfeitamente aplicadas ao Hinduísmo de Varanasi:

“Aqui estavam tanto os ricos e estudados, como os pobres e miseráveis, aqui tanto os que estão muito bem arrançados

VARANASI: A cidade da luz (continuação)

como os razoavelmente vestidos, todos são vítimas das mesmas superstições pagãs, servos do mesmo mestre. Não poderia ser mais evidente de que esta idolatria aqui é um sistema vivo, florescendo, intocado pelos soldados da Cruz... Aqui só havia uma instituição, aglomerada juntamente com os sacerdotes e com aqueles que estão a ser treinados para o ser, os seus ídolos são contados aos milhares... todos ricamente pintados, tal como todas as partes do estabelecimento, e dourando em abundância sobre eles. Nada era omitido e nenhuma despesa dispensava que o olho pudesse ser atraído e o que contempla fosse cativado, e para os milhares presentes, sem dúvida, o ritual idólatra era do tipo mais imponente...” (pp. 284-85, Hudson Taylor in Early Years: the Growth of a Soul).



A ESPERANÇA DE VARANASI

O meu primeiro objetivo em visitar esta cidade, contudo, não era ver a sua idolatria, mas sim o que Deus estava a fazer. Embora as trevas deste lugar possam ser opressivas, já não é verdade que o sistema vivo de idolatria da cidade esteja intocado pelos soldados da Cruz. Deus não Se deixou sem uma testemunha da verdadeira Luz.

No início dos anos 60 do século passado, o primeiro missionário nativo viajou de Kerala, no Sul da Índia, para semear igrejas em Varanasi. Depois de Deus o curar miraculosamente e salvar a sua vida, ele deixou o seu emprego secular e entregou o resto da sua vida para semear e pastorear a Igreja de Banaras. Era um discípulo de Bakht Singh e em várias ocasiões hospedou o plantador de igrejas itinerante na sua própria casa. Antes da sua morte, na década de 2000, o seu filho Ben voltou do Ocidente para tomar conta das tarefas pastorais que o seu pai já não era capaz de cumprir. Tal como o pai tinha feito antes, ele também deixou um trabalho secular bem pago para

responder à chamada de Deus, e é o pastor há oito anos. Os esforços evangelísticos da igreja levaram ao surgimento de mais quatro igrejas na cidade, e são também uma grande ajuda e encorajamento para outros que trabalham com o mesmo fim. Ben criou uma relação próxima com muitos semeadores de igrejas que trabalham em Varanasi e nas aldeias próximas. Olham para ele como um líder e os seus dons são muito visíveis, enquanto os orienta e serve da forma possível.

Deus também ajudou Ben e a sua esposa a estabelecer um orfanato. Cerca de vinte crianças vivem no espaço que pertence à igreja e em qualquer altura que se visite, há uma constante atividade, com crianças e obreiros para trás e para a frente. Também há jovens do ensino secundário que vivem no orfanato. São estudantes que não teriam possibilidades de o fazer noutras escolas, então a igreja está a tentar ajudá-los a conseguirem um diploma, enquanto lhes falam do Evangelho. Este aspeto do ministério pode, por vezes, ser muito difícil e pesado. Muitos estudantes têm antecedentes problemáticos e tendem a rejeitar a autoridade. Enquanto lá estive recebemos a notícia de que um dos estudantes tinha fugido e claramente isso causou muita dor.

Uma das grandes necessidades físicas, comum a muitos na Índia, é água limpa e potável. Isto é especialmente verdade para os cristãos. Por causa da sua fé em Cristo, muitas vezes são excluídos da partilha das fontes de água limpa dos hindus. Portanto, têm que ficar com a água que encontrarem, que a maioria das vezes está imunda e poluída com doenças, com bactérias e amebas. Para ajudar os crentes em Varanasi a conseguirem água potável, Ben criou uma iniciativa para cavar poços. A maioria das escavações é feita em áreas das aldeias onde o suprimento de água é mais limitado e onde a perseguição aos cristãos é maior. Isto tem sido uma grande bênção para milhares de cristãos, que antes tinham que lidar com constantes doenças. É uma tangível demonstração do amor de Cristo e uma tangível demonstração de amor a Cristo: “Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber...” (Mateus 25:35).

Este ano, a HeartCry começou a acompanhar a Igreja de Banaras, para apoiar os plantadores de igrejas que eles servem. Em duas viagens distintas a Varanasi, tive oportunidade de passar tempo a conhecer estes homens e a ver a obra que Deus está a fazer neles e através deles. Fui muito encora-



jado por eles. Através das suas vidas e ministérios, é evidente que Deus está a trabalhar nos corações dos descrentes “para lhes abrir os olhos, e das trevas os converter à luz, e do poder de Satanás a Deus” (ver Atos 26:18). O que Deus fez entre os tessalonicenses, continua a fazer hoje (I Tessalonicenses 1:9).

Eles contaram-me histórias acerca da dificuldade da vida missionária no coração do “cemitério de missionários.” Muitas das suas histórias soam como se estivessem a falar de um semeador de igrejas em qualquer outro lado – co-obreiros que caíam na fé, falta de pureza e santidade nas vidas de muitos que professaram Cristo. Mas também contaram da dificuldade causada pelas idiossincrasias do local onde estão a trabalhar – fugir dos hindus fanáticos que lhes tinham batido e estavam a tentar matá-los, falar do julgamento de Deus e da obra de Cristo a um hindu que apontava uma arma à cabeça de um missionário. E falaram-me de luta, não contra a carne e o sangue, mas contra as forças espirituais do mal nos lugares celestiais. A opressão demoníaca é muito real no local onde eles trabalham. A maioria que vem a Varanasi para plantar a Igreja de Cristo encontram ataque demoníacos intensos. Um irmão contou acerca encontros repetidos com coisas demoníacas quando chegou, há quase dez anos atrás. De início, a sua força vacilou e ele quis fugir e esquecer-se de Varanasi. Mas o Senhor fortaleceu-o e capacitou-o a perseverar em tudo isso. Agora os ataques são muito raros.

Apesar de toda a idolatria que eu vi, à medida que passava tempo com estes homens, as trevas de Varanasi esmoreciam. O que mais marcou a minha mente e coração não foi a perversão do local, mas o triunfo do Evangelho. O poder de Cristo para transformar estava escrito nas suas faces e evidente nas histórias que contavam acerca da obra de Deus. Um dia fomos à reunião de dedicação do edifício de uma das igrejas. Durou cerca de quatro horas. Muitas pessoas cantaram e oraram durante horas, alguns com as lágrimas a correr pelas faces enquanto cantavam acerca do maravilhoso amor de Jesus. Também

orámos especialmente por vários evangelistas que eram parte da igreja. São essencialmente aqueles que estão lá fora na comunidade a partilhar constantemente o Evangelho, tanto com hindus como com muçulmanos. Durante a reunião, enquanto eu estava sentado na frente, a ver todas as pessoas a adorar o Senhor, os meus olhos fixaram-se nas crianças, cantando acerca de Cristo. Pensei comigo: “Estas são crianças que vão crescer, não ouvindo as vãs superstições dos seus ancestrais, mas acerca da obra da redenção que Jesus Cristo efetuou.”



Varanasi é um lugar de trevas. Mas pode dizer-se, tanto aqui como em qualquer lugar desta terra onde Cristo é verdadeiramente adorado: a Luz brilha nas trevas, e as trevas não a podem apagar. Por isso deixei a cidade muito encorajado e cheio de gozo. A Igreja triunfante continua a marchar e dar testemunho do amor de Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor!

*“Tem compaixão das nações, oh Deus nosso,
Constrange a terra para que venha;
Envia a Tua vitoriosa Palavra
e traz de volta os estrangeiros.
Desejamos ver as tuas igrejas cheias,
que toda a raça escolhida
possa a uma só voz e coração e alma
cantar da tua graça redentora.”*

Leia o testemunho do pastor M. Paul no *Missionário em Foco*, na página 22. Ele é um dos homens que trabalha em Varanasi.